

AUTORITARISMO BRASILEIRO E TRAUMA: UMA PROPOSTA DE LEITURA COM *JÚLIA: NOS CAMPOS CONFLAGRADOS DO SENHOR*, DE BERNARDO KUCINSKI

Francisca Luana Rolim Abrantes¹
Risonelha de Sousa Lins²

Resumo: Nos últimos anos, principalmente após a Comissão Nacional da Verdade, muitos autores produziram obras literárias que configuram tanto o período da ditadura militar, quanto os traumas provocados aos familiares, parentes e amigos das vítimas do autoritarismo brasileiro. Mesmo diante de um número significativo de narrativas sobre o regime, nota-se que, no contexto escolar, principalmente nas aulas de Língua Portuguesa do Ensino Médio, essas obras não são abordadas. Diante dessa problemática, o presente artigo traz uma proposta de leitura desenvolvida para turmas de 2º ano do Ensino Médio com a novela *Júlia: nos campos conflagrados do Senhor*, de Bernardo Kucinski, a partir do Método Recepcional, proposto por Bordini e Aguiar (1988). A narrativa em estudo aborda fatos violentos ocorridos no período da ditadura militar, bem como exercício do poder sobre os subalternos e a masculinidade pautada em atitudes de força e autoconfiança. Os questionamentos que motivaram a nossa pesquisa foram: Como a novela de Kucinski pode contribuir com a formação de leitores? A obra *Júlia: nos campos conflagrados do Senhor* pode levar os alunos a refletir sobre as ressonâncias da violência ditatorial no cotidiano brasileiro? Para embasar a nossa pesquisa, utilizamos os estudos de Bordini e Aguiar (1988), Figueiredo (2019), Dalcastagnè (2020), dentre outros. Acreditamos que a obra de Kucinski pode levar o aluno a refletir sobre esse passado traumático de graves violações de direito. Além disso, o Método Recepcional é um caminho para trabalhar o texto literário numa perspectiva de formação leitora.

Palavras-chave: Autoritarismo brasileiro, Formação leitora, *Júlia: nos campos conflagrados do Senhor*, Método Recepcional, Bernardo Kucinski.

INTRODUÇÃO

Nosso presente anda, mesmo, cheio de passado, e a história não serve como prêmio de consolação. No entanto, é importante enfrentar o tempo presente, até porque não é de hoje que voltamos ao passado acompanhados das perguntas que forjamos na nossa atualidade (SCWARCZ, 2019, p. 21).

Conforme afirma Figueiredo na obra *A Literatura como arquivo da Ditadura*, o Brasil continua avesso a própria história, isto porque, além das pessoas desconhecerem as barbaridades cometidas pelo regime militar, “[...] o país se recusa a enfrentar seu passado, a rever os crimes cometidos, a expor as atrocidades perpetradas por um regime de exceção” (FIGUEIREDO, 2017, p. 26). Essa tentativa de apagamento do autoritarismo brasileiro acaba

¹ Doutoranda em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande- UFCG; E-mail: luana_abrantes@hotmail.com.

² Doutora em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN, professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Campus Sousa-PB; E-mail: risonelha@gmail.com.

gerando, como bem ressalta a estudiosa Kehl (2019), “a naturalização da violência” em nossa sociedade.

Considerando que o espaço escolar é propício ao desenvolvimento da reflexão não só sobre a realidade do discente, mas também sobre acontecimentos norteadores do nosso passado histórico, acreditamos na relevância das ações docentes enquanto facilitador de leituras que conduzam o aluno-leitor a compreensão de posturas e comportamentos sociais no Brasil.

Diante disso, nota-se que há uma necessidade de trabalhar obras literárias, cujas temáticas retratem o período da ditadura militar brasileira em sala de aula, uma vez que, através desses textos, o professor pode levar o discente a refletir sobre esse contexto de graves violações de direitos humanos, pois como bem afirma Figueiredo (2017, p. 45):

Só a literatura é capaz de suscitar a figuração do Outro, do diferente, aquele que não podemos conhecer se não sairmos de dentro de nós mesmos. Só através da literatura podemos vislumbrar o Outro que nos habita, porque a identidade só se perfaz no encontro com a alteridade, inclusive nossa própria alteridade.

Ao dialogar com a estudiosa, percebe-se que o contato dos leitores com obras literárias, cujas narrativas configuram o horror perpetrado pelo regime militar brasileiro, pode propiciar discussões bastante significativas acerca do assunto em estudo.

Ao transmitir as experiências dos militantes nas salas de torturas, as lutas e estratégias de sobrevivência contra o governo opressor e os casos de mortes e desaparecimentos praticados por agentes do estado, a Literatura pode “desconcertar” e “incomodar” os seus sujeitos, ajudando-lhes, assim, a (re)pensar sobre essa “[...] grande ferida histórica que ainda permanece aberta, que impede o desenvolvimento de uma cultura democrática e a formação para a cidadania” (OLIVEIRA, THOMAZ, 2020, p. 13).

Em consonância com a pesquisadora, Dalcastagnè (2020) afirma que a Literatura funciona não apenas como um espaço de elaboração da realidade, mas também nos ajuda a compreender o caos dos dias atuais, contribuindo, assim, para o preenchimento das lacunas existentes na história de nosso país e sobre o desgoverno que enfrentamos.

No Brasil, por exemplo, as práticas autoritárias, realizadas por meio da linguagem e do comportamento se diluem no dia a dia, justificando a intolerância, o racismo, a desigualdade, etc. Desse modo, ao pensar a importância da Literatura não só como testemunho desse tempo, mas também como arquivo e memória de um período que não deve ser esquecido devido à violência que o acompanha, o presente artigo traz uma proposta de leitura com a novela *Júlia*:



nos campos conflagrados do Senhor, de Bernardo Kucinski, a partir do Método Recepcional, desenvolvido por Bordini e Aguiar (1988).

Publicada pela editora Alameda em 2020, essa obra configura as atrocidades ocorridas durante os anos de chumbo, como: o sequestro e adoção ilegal de bebês, as lutas e estratégias de sobrevivências dos militantes contra a ditadura, a colaboração de líderes religiosos com o regime militar e as torturas cometidas às pessoas que se rebelavam contra o governo.

Ao retratar esse passado sombrio, o autor mostra não só os desmandos do autoritarismo brasileiro e os traumas provocados aos familiares, parentes e amigos das vítimas do regime, mas também a naturalização dessa violência como um grave sintoma social, “[...] a fim de que horrores da ditadura não sejam jamais esquecidos e que as vozes relegadas ao silêncio da repressão possam se fazer ouvir” (CURY, 2020, p.59).

Os questionamentos que motivaram a nossa pesquisa foram: Os questionamentos que motivaram a nossa pesquisa foram: Como a novela de Kucinski pode contribuir com a formação de leitores? A obra *Júlia: nos campos conflagrados do Senhor* pode levar os alunos a refletir sobre as ressonâncias da violência ditatorial no cotidiano brasileiro? Para embasar a nossa pesquisa, utilizamos os estudos de Bordini e Aguiar (1988), Figueiredo (2019), Dalcastagnè (2020), entre outros.

A ESCRITA DE KUCINSKI ENQUANTO TESTEMUNHO DAS BARBARIDADES DO REGIME MILITAR

Nascido em 1937, em São Paulo, Bernardo Kucinski, além de ser graduado em Física e doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, é considerado um dos grandes nomes da Literatura brasileira contemporânea. O autor, que teve parte de sua família morta em um campo de concentração nazista na Europa, era filho de imigrantes poloneses.

Não bastasse tamanha tragédia, o escritor também vivenciou a morte de sua irmã Ana Rosa Kucinski e de seu cunhado Wilson Silva durante o regime militar. Por participar da Aliança Libertadora Nacional (ALN), Ana, juntamente com seu marido foram presos e mortos por agentes do Estado brasileiro na cidade de São Paulo, enquanto retornavam a sua residência. Após investigações, testemunhas comprovaram que ambos foram torturados antes de morrer, porém seus corpos não foram encontrados nem os agentes envolvidos responsabilizados pelos crimes.

Por influência desses acontecimentos, o autor buscou configurar as barbaridades perpetradas por regimes totalitários na grande maioria de suas obras. A exemplo disso, podemos citar seu primeiro romance autobiográfico: *K: Relato de uma busca*, lançado em 2011, que

retrata a busca do irmão pela irmã desaparecida e a muralha de silêncio existente em torno do desaparecimento de presos políticos.

Kucinski também publicou outras obras que enfatizam os desmandos desse período, como: *Os visitantes* (2016), a coletânea de contos *Você vai voltar pra mim* (2014) e a sua obra mais recente: *Julia: nos campos conflagrados do Senhor* (2020).

Cabe ressaltar aqui, que ele também era jornalista. Durante muito tempo, trabalhou não só no jornal *Gazeta Mercantil*, na revista *Exame*, no jornal *The Guardian*, em Londres e em tantos outros periódicos nacionais e internacionais, mas também atuou como Assessor Especial da Secretaria de Comunicação Social (SECOM), da Presidência da República entre 2002 e 2006. Através de suas obras, recebeu prêmio Jabuti de Literatura em 1997 e foi finalista dos prêmios São Paulo de Literatura e Portugal Telecom em 2012.

Kucinski lutou contra o regime militar, sendo preso, torturado e exilado durante esse período de graves violações de direitos. No ano de 2018, ganhou o Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog por despertar o interesse de jornalistas e artistas para temática da Anistia e dos Direitos Humanos.

Além de possuir uma linguagem cativante, que prende o leitor do início ao fim, nota-se que a escrita de Kucinski apresenta um teor testemunhal. Isto porque ao tratar de temas-limites em suas narrativas, como: os desmandos do regime, os sequestros dos bebês, trauma sequencial, bem como as estratégias de luta e sobrevivência da Ação Armada, percebe-se que sua escrita funciona como um discurso documental da história, conferindo ao literário como arquivo de um tempo de graves violações de direitos constitucionais.

JÚLIA: NOS CAMPOS CONFLAGRADOS DO SENHOR, DE BERNARDO KUCINSKI: UMA PROPOSTA DE LEITURA PARA O ENSINO MÉDIO

A novela *Júlia: nos campos conflagrados do Senhor*, publicada em 2020 pela editora Alameda, aborda a história de uma bióloga que, depois do falecimento do seu pai, descobre o envolvimento de seu genitor com o regime militar. Narrado em terceira pessoa, o romance transcorre em dois tempos: presente e passado, nos quais se situam as descobertas da protagonista.

Inseridos no enredo, encontramos detalhes sobre as formas de violência impostas aos militantes, as estratégias de luta e sobrevivência da ação armada e a participação de religiosos que atuavam a favor do regime.



Essa obra contribui com a formação leitora, uma vez que possui uma linguagem envolvente, responsável por propiciar uma experiência estética em relação ao conteúdo da narrativa; por evidenciar, em profundidade de detalhes, situações de violência contra os personagens e abordar a participação dos estudantes na luta contra a ditadura, prendendo a atenção do aluno-leitor.

Para trabalhar a novela de Kucinski, em sala de aula, sugerimos ao professor seguir as quatro etapas principais do Método Receptional, a saber: a) Sondagem do horizonte de expectativa do leitor, Atendimento do horizonte de expectativa do leitor, Questionamento do horizonte de expectativa do leitor e Ampliação do horizonte de expectativa do leitor.

Essa primeira etapa busca averiguar os conhecimentos prévios dos alunos acerca do assunto e pode ser realizada a partir de “debate, discussões, respostas a entrevistas e questionários, papel em jogo, dramatizações” (BORDINI, AGUIAR, 1988, p.88), entre outras;

O Atendimento do horizonte de expectativa do leitor ocorre através das experiências com as obras literárias que satisfaçam as necessidades dos educandos; *O Questionamento do horizonte de expectativa do leitor* baseia-se na participação ativa dos alunos, seja em pequeno ou grande grupo, com retomada ou não de textos literários utilizados nas etapas anteriores; *A Ampliação do horizonte de expectativa do leitor* fundamenta-se na busca de novos textos, por meio dos quais os educandos poderão tomar consciência das alterações dos fatos e obter novos saberes a partir da experiência com o texto literário, permitindo-lhes, assim, uma postura mais crítica em relação à literatura e à vida.

Salienta-se que não utilizamos *a ruptura do horizonte de expectativa do leitor* porque, dificilmente, o professor conseguirá romper o horizonte de expectativa de seu alunado, uma vez que essa etapa demanda um tempo maior de convivência entre o professor e o educando.

A escolha do Método Receptional justifica-se por ele priorizar a atitude participativa do aluno em contato com as mais diversas obras literárias, buscando ampliar os conhecimentos e percepções dos educandos.

Com o propósito de realizar a experiência de leitura da obra de Kucinski, sugerimos as seguintes etapas: a) Para a sondagem do horizonte de expectativa do leitor, o professor propiciará uma conversa com a turma, a fim de identificar os conhecimentos dos educandos acerca da ditadura militar, as obras literárias que falam sobre esse período e o que sabem sobre Bernardo Kucinski e suas narrativas. As perguntas norteadoras para esse contato inicial podem ser: a) Vocês já leram algo ou ouviram falar sobre a ditadura militar no Brasil? b) O que ocorria nesse período? c) Vocês conhecem Bernardo Kucinski? Já leram alguma obra desse escritor?

Após as indagações feitas aos alunos, é importante que o docente fale um pouco sobre a vida e obra de Kucinski, enfatizando, assim, a escrita do autor como testemunho dos horrores perpetrados por governos autoritários.

Concluída essa etapa, o professor deverá preparar uma sala com relatos e imagens de vítimas do regime e, em seguida, propiciar uma conversa, junto aos alunos, acerca desse período. O intuito dessa atividade é “[...] recriar o ambiente de terror vivido por personagens afetados diretamente pela arbitrariedade, pela tortura, pela humilhação” (FIGUEIREDO, 2017, p. 43), a fim de levar os educandos a refletirem sobre a densidade simbólica desse tipo de violência.

Além disso, é interessante que o educador coloque uma música de fundo que retrate o regime. Como existe uma diversidade de canções sobre esse período, sugerimos: *Apesar de você*, de Chico Buarque, *O bêbado e o equilibrista*, escrita por Aldir Blanc e João Bosco e gravada por Elis Regina em 1979, *Aquele abraço*, composta e cantada por Gilberto Gil em 1969, entre outras.

Para a etapa do atendimento do horizonte de expectativa do leitor, o docente apresentará a novela *Júlia: nos campos conflagrados do Senhor*, de Bernardo Kucinski e, em seguida, formará cinco grupos, compostos por cinco integrantes. Cada grupo deverá, no decorrer da experiência de leitura, falar sobre os capítulos da obra, selecionados da seguinte forma:

Grupo 1- O pressentimento; Trinta anos antes; Júlia e seu labirinto; Maria do Rosário; Descoberta.

Grupo 2- O mistério dos bebês; As cartas de tia Hortência; Maria do Rosário quer um filho; Beto, a confissão; A queda.

Grupo 3- A consciência da adoção; diretiva do padre Geraldo; A aparição; Segundo interrogatório de Maria do Rosário; História do orfanato.

Grupo 4- O livro das adoções e o livro caixa; Reencontro na igreja matriz; O martírio de padre Josias; Busca nos jornais; Magno e o quebra-cabeças.

Grupo 5- As reportagens censuradas; A sucursal do inferno; A história de Paula Rocha; Revelações; Epílogo.

Buscamos dividir a turma dessa maneira porque, além de a narrativa ser extensa, temos um tempo limitado para trabalhar a Literatura em sala de aula, ou seja, enquanto professores de Língua Portuguesa, principalmente dos anos finais da educação básica, temos que ministrar uma diversidade de conteúdos, como redação, a parte da linguística, etc. que atendam o Exame Nacional do Ensino Médio.

Diante dessa problemática, é importante que o docente busque, nesse curto período, investir em uma metodologia por meio da qual, como bem salientam Moura e Martins (2012, p.88), os alunos possam atuar como sujeitos ativos e colaborativos mediante o ato de ler. Isto porque “o papel da escola e do professor é propiciar as condições necessárias para que nossos alunos tornem-se leitores autônomos, com domínio dos mecanismos com os quais lidamos quando lemos ou escrevemos”.

Mesmo dividindo a turma em grupos, o educador deve solicitar aos alunos a leitura integral da obra literária, já que o texto fragmentado não contribui para a formação significativa do sujeito leitor.

Concluído esse momento, o professor deverá seguir a próxima etapa: o questionamento do horizonte de expectativa do leitor, cuja atividade deve ser desenvolvida a partir de um debate envolvendo as seguintes perguntas: a) De que fala o romance *Júlia*, de Bernardo Kucinski? b) Que contexto histórico é retratado na obra em estudo? c) O que a personagem descobre acerca do seu passado? d) Por que o narrador faz a seguinte afirmação: “Em vez de encontrar a mãe, encontrou uma tragédia, que também era sua, que passava a ser sua. Uma tragédia atravessando três gerações”? (KUCINSKI, 2020, p. 181). Explique. e) Por que Durval não contou à família que participava da luta contra a ditadura? g) Que práticas do autoritarismo brasileiro podem ser vistas no nosso cotidiano?

Ao finalizar o debate, o professor partirá para a última etapa: a ampliação do horizonte de expectativa do leitor, no qual serão exibidos vídeos que mostram alguns cidadãos brasileiros usando a violência como recurso para resolver conflitos do dia a dia. O primeiro vídeo, disponível em: <https://g1.globo.com/se/sergipe/noticia/2022/05/27/caso-genivaldo-entenda-ordem-dos-fatos-que-levaram-homem-a-morte-em-abordagem-da-prf.ghtml>, mostra a abordagem violenta do homem negro e esquizofrênico, Genivaldo de Jesus Santos, por representantes da Polícia Rodoviária Federal de Umbaúba, Sergipe, no dia 25 de maio de 2022. O cidadão, algemado, foi lançado em um porta-malas fechado, com gás lacrimogêneo e spray de pimenta, simplesmente por estar conduzindo uma moto sem capacete.

O segundo caso de expressão de ódio e autoritarismo corresponde a uma cena de agressão praticada pelo personal trainer Henrique Paulo Sampaio Campos, de 49 anos, contra o síndico Wahby Khalil, de 41 anos, por causa de um pó de gesso que caía do teto devido ao deslocamento de um saco de box. A vítima foi internada na unidade de terapia intensiva (UTI) do Hospital Santa Lúcia, na Asa Sul- DF, e ficou com sequelas dos socos deferidos. O vídeo encontra-se disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dAkd1ZGBj3M>.

As agressões retratadas pelos vídeos permitem que o docente construa uma ponte entre o autoritarismo exposto na obra de Kucinski e o exercício gratuito da violência disseminada no cotidiano da sociedade brasileira.

A historiadora Lilia Moritz Schwarcz³, em entrevista concedida ao *Fantástico*, no dia 12 de junho de 2022, explica que “essa questão do nosso autoritarismo é um trauma brasileiro, se nós evitarmos falar, se nós tentarmos silenciar, o trauma retorna. Então, a única maneira de nós lidarmos com essa intolerância será enfrentá-la e não dizer o contrário”. Isto significa que a melhor maneira de combater esse exercício de ódio e intolerância é refletir sobre essas ações por meio da Literatura, cuja fabulação nos permite não só verificar a profundidade dos problemas sociais, mas também sentir mais profundamente o seu alcance.

Candido (2011) assevera que o papel da Literatura consiste, exatamente, em repensar de maneira dialógica os problemas sociais, permitindo não só a conscientização das ideologias que subjazem à estrutura social como também possibilita a sensibilidade para se posicionar empaticamente em relação aos outros com os quais convivemos. Para esse crítico literário:

[...] a Literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo, os valores que a sociedade preconiza ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (CANDIDO, 2011, p.177).

Com base nas palavras de Candido, nota-se que a Literatura é um caminho favorável para que o aluno reflita sobre o seu modo de ser e estar no mundo, possibilitando intervenções conscientes sobre a realidade objetiva. Diante das percepções a respeito dos papéis sociais e de seus produtores, o aluno pode desenvolver o sentimento coletivo de respeito ao outro e de compromisso com as mudanças dos contextos socioculturais. Afinal, como afirmava o pensador literário já referenciado: “[...] pensar em direitos humanos tem um pressuposto: reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo” (CANDIDO, 2011, p.174).

Nesse sentido, esse trabalho pretende motivar os alunos para a leitura de textos que apresentam os reflexos da ditadura militar no contexto atual, posto que os traumas desse período

³ SCHWARCZ, Lilia Moritz. Práticas autoritárias. [Entrevista concedida ao *Fantástico* no dia 12 de junho de 2022]. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10662460/?s=0s>. Acessado em: 20/06/2022.

se refletem tanto no exercício da masculinidade brasileira, quanto nas manifestações autoritárias que se processam via ansiedade, despertada pelo imediatismo das relações interpessoais contemporâneas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste trabalho, observou-se que o tema da violência e intolerância torna-se apropriado, uma vez que contempla fatos da realidade comum ao espaço urbano contemporâneo, permitindo o desenvolvimento de atividades inferenciais.

Fica claro que *Júlia: nos campos conflagrados do Senhor*, de Bernardo Kucinski é uma obra que, por tratar de um período de graves violações de direitos constitucionais, pode levar o aluno a não só refletir sobre esse passado bárbaro, mas também levá-lo a entender como se formam e consolidam práticas e ideias autoritárias no Brasil.

Ao narrar cenas de torturas e outros tipos de violências, a referida novela estabelece um diálogo com as vivências de autoritarismo e comportamentos negativos que permeiam as relações do sujeito contemporâneo. Ao mesmo tempo conduz o aluno-leitor a ressignificar atitudes por meio da análise da complexidade cultural e ideológica das nossas estruturas sociais.

Desta forma, os consequentes atos do regime militar se diluem de tal forma no cotidiano da população brasileira que os atos abusivos passam a ser vistos como naturais e compreensíveis diante dos atritos acarretados pelas relações interpessoais. Entretanto, Kehl (2019) afirma que essas ações diárias de violência são reflexos do trauma histórico que perpetua nos descendentes da ditadura militar e devem ser combatidos, a fim de que não se repitam os mesmos atos de barbárie. Para a estudiosa:

O esquecimento” da tortura produz, a meu ver, a naturalização da violência como grave sintoma social no Brasil. [...] A impunidade não produz apenas a repetição da barbárie: tende a provocar uma sinistra escalada de práticas abusivas por parte dos poderes públicos, que deveriam proteger os cidadãos e garantir a paz (KEHL, 2019, p. 6).

Na mesma linha de pensamento, Figueredo (2017) enfatiza que a Literatura reelabora os fatos por meio das veredas ficcionais de tal forma que é possível vivenciar, de modo mais profundo, a humilhação, a dor e o sofrimento dos personagens inseridos em contextos de autoritarismo.



Durante a elaboração dessa proposta de leitura, percebemos que, com a devida mediação do professor, a obra em estudo pode contribuir com a formação leitora, uma vez que apresenta várias alternativas de compreensão que permitem relacioná-la com fatos do cotidiano.

Nesse sentido, salientamos que ao apresentar a violência das autoridades como fator comum ao exercício do poder sobre os subalternos e a masculinidade pautada em atitudes de força e autoconfiança, a obra *Júlia: nos campos conflagrados do Senhor* possibilita aos alunos analisar o comportamento coletivo marcado pela expressão do ódio, da intolerância e da imposição do poder através da agressividade gratuita. É preciso ponderar sobre os fatos negativos que emanam da nossa história para que eles não se repitam, pois ignorá-los é mesmo que perpetuá-los entre nós.

REFERÊNCIAS

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor**. Porto Alegre: Mercado de Letras, 1988.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

CURY, Maria Zilda Ferreira. Memória e resistência: figurações da ditadura na literatura brasileira contemporânea. In: OLIVEIRA, Rejane Pivetta de; THOMAZ, Paulo C. (Org.). **Literatura e Ditadura**. Porto Alegre-RS: Zouk, 2020.

DALCASTAGNÈ, Regina. Literatura e resistência no Brasil hoje. In: OLIVEIRA, Rejane Pivetta de; THOMAZ, Paulo C. (Org.). **Literatura e Ditadura**. Porto Alegre-RS: Zouk, 2020.

FIGUEIREDO, Eurídice. **A literatura como arquivo da ditadura brasileira**. Rio de Janeiro: Letras, 2017.

KEHL, Maria Rita. **Tortura e sintoma social** [recurso eletrônico] - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2019. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/n11sx80>. Acessado em: 20 de maio de 2022.

KUCINSKI, Bernardo. **Júlia: nos campos conflagrados do Senhor**. São Paulo: Alameda, 2020.

OLIVEIRA, Rejane Pivetta de; THOMAZ, Paulo C. (Org.). Apresentação: Ditadura: um passado para se fazer narrar no presente. In: OLIVEIRA, Rejane Pivetta de; THOMAZ, Paulo C. (Org.). **Literatura e Ditadura**. Porto Alegre-RS: Zouk, 2020.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.